

SOLIDÃO E ERRÂNCIA NO ROMANCE *PEIXE DOURADO*, DE JEAN MARIE GUSTAVE LE CLÉZIO

Luciane Alves Santos (UFPB)¹

Resumo: Na obra do escritor francês Jean Marie Gustave Le Clézio, o tema da errância e da marginalização se inscreve, invariavelmente, no debate sobre a complexidade das identidades fragmentadas pelo processo de descolonização. De sua extensa e variada lista de publicações, este trabalho tem como objeto de análise o romance *Peixe dourado*, a partir da violenta disjunção familiar e das deambulações empreendidas pela protagonista em busca de suas origens e, conseqüentemente, de sua verdadeira identidade.
Palavras-chave: J. M. G. Le Clézio; imigração; errância; identidade.

No panorama da literatura contemporânea, o escritor francês J. M. G. Le Clézio destaca-se como um dos mais celebrados de sua geração. Na França, tornou-se leitura obrigatória - seus livros figuram nos programas de escolas e universidades (*baccalauréat*) - e sua obra se encontra entre as mais sólidas da atual produção literária francesa. A consagração definitiva deu-se em 2008 ao ser premiado com o Nobel da Literatura pelo conjunto de sua obra. Sua produção literária se caracteriza por uma visão poética do tema da errância e está intimamente associada ao seu percurso de vida e à sua postura diante da marginalização imposta aos imigrantes africanos após o processo de descolonização. Nesse sentido, uma breve apresentação de sua trajetória esclarecerá alguns pontos que serão analisados no decorrer deste trabalho.

Ainda muito jovem, com apenas 23 anos, Le Clézio conheceu a fama com a obra *Le Procès-verbal*, 1963, que lhe rendeu reconhecimento acadêmico e o prêmio *Théophraste Renaudot* - criado em 1925 para destacar novos estilos literários e talentos. Já em suas primeiras publicações, demonstrou ser um escritor comprometido com a

¹ Professora Adjunta do Departamento de Letras (campus IV) - Universidade Federal da Paraíba. Doutoranda. E-mail: lucianasantos@usp.br

sociedade e com o mundo em que vive, uma vez que suas preocupações estão no âmbito dos valores humanos de uma época marcada pelo avanço tecnológico, desassossego e inquietude da alma gerados por guerras, ocupações, revoltas estudantis e diversos outros acontecimentos importantes que marcaram as décadas de 60 e 70. Aos poucos, Le Clézio foi lapidando todo o potencial que anunciava em sua obra de estreia, tornando-se referência para o público francês.

Seus textos refletem suas mais íntimas vivências e emoções acumuladas ao longo de mais de cinco décadas de constantes peregrinações pela Europa, África, Ásia e América; são expressão de um apátrida, herdeiro da errância e do espírito de aventuras. Em uma de suas viagens, na década de 70, viveu durante vários meses com uma população ameríndia, os Emberas, na província do Darien, no Panamá. O autor declara em entrevista que essa experiência transformou sua vida, suas ideias sobre o mundo da arte, sua maneira de ser com os outros, enfim, modificou até mesmo seus sonhos. Com essa convivência, ele aprendeu a abrir mão do conforto das maravilhas da sociedade moderna para interagir com a vida ritmada por elementos naturais e folclóricos. A partir dessa experiência, Le Clézio anuncia um tipo de escritura que revelará a natureza como o espaço de abrigo para aqueles que não se adaptam às grandes cidades. A solução é o retorno às sociedades ainda não corrompidas, às sociedades arcaicas. Desse pensamento resultam vários romances e contos que tematizam a errância e o retorno às origens no intuito de resgatar a dignidade, a memória e a identidade perdidas na modernidade.

Exemplo dessa temática é o romance *Peixe dourado*, publicado em 1997, que ocupou por várias semanas o primeiro lugar no *ranking* de vendas do mercado editorial francês. Nesse romance, o autor investe seu olhar nas numerosas vozes marginais, minorias que são excluídas e ameaçadas por processos políticos contemporâneos. Toda a narrativa tem o ponto de vista centrado na condição dos imigrantes, no percurso de uma jovem protagonista africana – Laïla – que deambula por diferentes cidades em busca de sua verdadeira identidade. A errância e a solidão dos africanos marginalizados, herdeiros do processo de descolonização, são os temas centrais do romance. Inúmeros personagens secundários contribuem e fazem eco à condição periférica da protagonista, promovendo uma larga discussão sobre um evidente problema social que se instala frequentemente no seio das sociedades europeias.

O romance caracteriza-se por uma narrativa pessoal, entretanto, os acontecimentos vividos pela protagonista deixam entrever a passagem de um sujeito particular para um relato pluralista. É nessa pluralidade que se apresenta a experiência de uma coletividade, especificamente, a condição de exclusão social dos imigrantes.

“Quando eu tinha seis ou sete anos, fui raptada. Na verdade, minhas recordações são bem vagas, pois eu era muito pequena e tudo o que vivi desde então apagou essa lembrança” (Le Clézio 2001: 7). Com essas palavras impregnadas de sentimentos, inicia-se a narração da trajetória da pequena e inocente marroquina que foi brutalmente desenraizada de suas origens, sem o direito de conhecer sua verdadeira identidade. Originária de uma cidade montanhosa do Sul da África, raptada e vendida no Marrocos, aos seis anos, a uma velha senhora judia que a

instrui e a mantém enclausurada, Laïla, a pequena selvagem negra e meio surda, experimentará os dissabores da vida errante dos desenraizados.

Laïla é um peixe em constante fuga, ela nada contra a correnteza e, jogada de um lado para outro, tenta escapar das armadilhas que o destino lhe reserva. Envolta em situações de intensa dramaticidade, o tema social se amplia e se torna cada vez mais complexo, como a evidenciar um problema praticamente insolúvel na sociedade moderna: a falta de compaixão, de solidariedade e de justiça. Em sua existência nômade, ela deixa clandestinamente o Marrocos e desembarca em Paris com uma amiga. Ali, ela enfrenta a dureza dos homens e das cidades do Ocidente. Em seus caminhos, encontra a miséria, os homens e as mulheres que a perseguem e tentam fazer dela uma “propriedade”; mas também o consolo de outros imigrantes, excluídos e pobres, que, como ela, buscam suas raízes e sua identidade. “Achava que, desde a minha infância, as pessoas queriam me prender em suas redes. Elas me engabelavam. Preparavam armadilhas com seus sentimentos, suas fraquezas” (Le Clézio 2001: 91).

Errantes, desamparados e dominados pelo sentimento de angústia e impotência de sua própria existência, os personagens surgem encerrados em um impasse existencial e social que os prende tragicamente. Cercados por inúmeras formas de opressão e perseguidos por toda parte, eles se assemelham a animais encarcerados que se batem e lutam desesperadamente para salvar suas vidas. Depois de cruzar o oceano, da África para a Europa, a jovem vivenciará, mais intensamente, a solidão, a servidão e o sofrimento. O sentimento de exílio, agravado pela sensação de exclusão e desconfiança em relação ao país estrangeiro, conduz à melancolia profunda e à desilusão.

No teto do mundo, o vento assobiava nos cabos das antenas de televisão. Era um barulho estranho no meio dessa cidade, tão longe do mar. Contudo, o burburinho da circulação dos carros na avenue d’Ivry, na place d’Italie, mais longe ainda, no cais ou na perimetral, chegava em ondas, assim, muito leve, igual à maré montante. De repente, senti um vazio, uma vontade que me tomava, que me fazia mal. Era por causa desse barulho de mar, havia tanto tempo eu não o escutava, era vertiginoso (Le Clézio 2001: 155).

Para nossa jovem heroína, as cidades espelham a arquitetura da desigualdade, uma espécie de estética da diferença, tão presente nas sociedades contemporâneas e frequentemente assinalada no cenário urbano que compõe os romances leclezianos. Às ruas novas e iluminadas, aos quarteirões ricos e abastados se opõem os sótãos e os espaços sombrios que servem de abrigo aos personagens em fuga.

O apartamento de Nono, debaixo da terra, era pequeno, nunca recebia luz, a não ser por um poço interno que descia até a cozinha. Na verdade, não era um apartamento, mas uma garagem, ou adega [...]. Os hotéis miseráveis, os sacos de lixo, os traficantes. No fim da rua, antes do beco sem saída, ficava a porta do prédio, a qual era de ferro preto e tinha os vidros sujos (Le Clézio 2001: 101-105).

Aos poucos, a bela cidade parisiense revela sua desigualdade e os curiosos espaços subterrâneos se apresentam como mais uma realidade urbana de brutalidade e discriminação. O deslocamento de um lado a outro, forma exemplar de errância, é a principal atividade desenvolvida pela protagonista que passa seu tempo observando os passantes, conhecendo as ruas e perambulando entre diferentes pontos da cidade. A essa deambulação atribui-se o sentido da marginalização do estrangeiro, uma vez que ele não consegue se integrar ao seio da comunidade “adotiva” e vive à margem, sem participação efetiva, apenas como observador do funcionamento do sistema social.

Os mecanismos de opressão e repressão que contribuem para alicerçar a ideia da marginalização no romance estão ancorados na ideia da invisibilidade que os imigrantes representam aos olhos da sociedade que detém o poder. Fragilizada e consciente de sua posição periférica, só resta à protagonista a tentativa de se defender da hostilidade e do olhar hegemônico que a persegue. “Fiquei reticente, pois justamente não queria conhecer quem quer que fosse, nem me encontrar com nenhuma pessoa desconhecida. Queria só continuar a me esgueirar entre as pessoas, entre as coisas, como um peixe que sobe o rio” (Le Clézio 2001: 87).

Como foi apontado anteriormente, ainda que sua trajetória seja individual, Laïla interroga sua identidade dentro de uma perspectiva coletiva; isso se dá por inúmeras razões, sobretudo culturais. Atribui-se ao senso de identidade coletiva, o fato de provir de cultura em que o indivíduo se orienta em relação à comunidade em que vive. Habitados à submissão da hegemonia europeia, diferentes grupos étnicos têm como resposta o desenvolvimento de um forte espírito de solidariedade interna, e é a partir dessa perspectiva que a história dos personagens secundários pode ser considerada modelo e ao mesmo tempo uma espécie de resumo da história dos personagens principais. É o *nós* que se torna para essas comunidades uma estratégia de sobrevivência perante o poder instituído. A situação marginal da protagonista atrai para junto de si jovens nas mesmas condições. Uma larga galeria de personagens marginais participa das ações da protagonista, sua condição ecoa na cidade de Paris. Nesse contexto, a deambulação e a miséria encontram inúmeros reflexos no desenrolar do romance. Hourya é a jovem cheia de sonhos que foge incansavelmente da tirania de seu marido, ela se prostitui no *fondouk's* de Madame Jamila e viaja para Paris com Laïla, mas não consegue realizar seu sonho de liberdade e independência. Nono, o boxeador camaronês, vive o sonho de ganhar uma importante luta para conseguir, definitivamente, seu visto de permanência no país. Hakim, jovem estudante, sonha com uma política social mais igualitária e encontra nos livros a inspiração para sua luta individual. Simone, a cantora haitiana, possuidora de bela voz, busca nas drogas o consolo para a sua condição marginalizada, vive, ainda, conflituosa relação amorosa, baseada na violência e no desrespeito. Esses personagens secundários compõem uma rede de ligações em que suas vidas se cruzam e se identificam por enfrentarem os mesmo obstáculos, são todos desenraizados, com suas origens fragmentadas, imprecisas e em busca de um mesmo sonho de liberdade.

Vivendo ilegalmente na França, sem dinheiro nem destino certo, Laïla busca estratégias de sobrevivência, trabalha em serviços domésticos e até pequenos furtos são necessários para garantir seu sustento. Determinação e coragem são suas únicas

riquezas. Sua força reside, também, no amor à literatura e à música. Durante os anos de andanças, sofrimentos e brutalidades que atravessou, ela sempre encontrou na arte uma estreita relação com a sua própria existência: Frantz Fanon, Aimé Césaire, a voz angustiada da ativista negra Nina Simone e tantas outras vozes dialogam com a condição marginalizada da protagonista.

Com o Hakim, ela aprende filosofia e frequenta o *Café de la Désespérance*, ambiente cujo nome tão bem retrata a situação que vivenciam esses personagens. É, ainda, por intermédio desse jovem descendente de africanos que ela conhece a obra de Frantz Fanon. *Os condenados da terra* torna-se o livro preferido de Laïla, do qual nunca se separa. Nesse livro, Fanon se levanta contra o colonialismo e a presença da França na Argélia. Esse grito de revolta incondicional diante de uma situação de exploração inaceitável serve de ponto de referência à Laïla, que deve também lutar para se impor em um mundo que a rejeita (Ridon 1998: 42). No decorrer da narrativa, é a voz do sábio velho senegalês, El Hadj Mafobe, que reforça o interesse da jovem pelas ideias do intelectual martinicano:

Mas seu...Fanon diz coisas justas, é mesmo verdade que os ricos comem a carne dos pobres. Quando os franceses chegaram a nossa terra, pegaram os homens jovens para fazê-los trabalhar nos campos e as mocinhas para servir à mesa, cozinhar e dormir com eles em suas camas, porque tinham deixado as mulheres na França. E para amedrontar as crianças negras, faziam com que acreditassem que iam comê-las (Le Clézio 2001: 113).

É o texto de Frantz Fanon que desperta a consciência de Laïla acerca das injustiças do mundo em que vive e, sobretudo, é a sua voz que lhe permite melhor entender a sua condição social.

Passava meu tempo lendo, aleatoriamente, romances, livros de história, até poesias. Lia Malaparte, Camus, André Gide, Voltaire, Dante, Pirandello, Julia Kristeva, Ivan Illich. Todos a mesma coisa. As mesmas palavras, os mesmos adjetivos. Não era decisivo. Não machucava. Sentia falta de Frantz Fanon (Le Clézio 2001: 145).

Durante seu período de errância e aprendizagens, ela aprofunda a cultura marroquina, conhece a francesa e a norte-americana. Quando segue para os Estados Unidos, a necessidade de conhecer suas origens torna-se imperiosa. Da França aos EUA, Laïla viajou com o intuito de se posicionar em um mundo que só a recusou. Descobre, então, que seria melhor retornar à África, ao lugar o qual ela mantinha o único traço de identidade do qual tinha conhecimento. “Quando você toca o mar, você toca a outra margem. Aqui, pousando a mão na poeira do deserto, eu toco a terra seca onde nasci, toco a mão de minha mãe” (Le Clézio 2001: 210).

Quando se propõe a ficcionar questões que envolvem processos históricos como a colonização e descolonização, Le Clézio revisita o passado a partir da perspectiva e das experiências dos imigrantes, portanto a problematização do texto se dá a partir do ponto de vista do colonizado. Ao perscrutar o passado, a busca das

origens e o reencontro com o paraíso perdido se tornam pontos permanentes no universo literário lecleziano. Inúmeras metáforas ilustram esse constante movimento de busca e estão presentes principalmente nos romances que têm como cenário o Maghrebe e as Ilhas Maurício. O romance *Deserto*, publicado em 1980, considerado sua obra-prima, é um dos que endossam essa tendência.

Escrevendo sobre as vítimas do processo de descolonização o autor se serve do impacto causando pela colonização para cruzar o presente com o passado evidenciando o peso que carregam as vítimas do violento processo de infiltração do Ocidente nas culturas ancestrais e a crise de identidade que se instala no seio dessas sociedades. Trata-se, portanto, de um ponto de vista que não apenas aponta o passado colonial como uma dicotomia entre repressão e resistência, mas como um discurso muito mais complexo, que envolve as relações entre diversas comunidades, etnias e indivíduos envolvidos em uma permanente discussão social e política. Em *Cultura e Imperialismo* (1995), Edward Said ao tecer seu comentário sobre esse constante fluxo migratório que se desencadeou após o período colonial, avalia que:

uma das características mais lamentáveis da época é ter gerado mais refugiados, imigrantes, deslocados e exilados do que qualquer outro período da história, em grande parte como acompanhamento e, ironicamente, consequência dos grandes conflitos pós-coloniais. Assim como a luta pela independência gerou novos Estados e novas fronteiras, da mesma forma ela gerou andarilhos sem lar, nômades, errantes, que não entravam nas estruturas nascentes do poder institucional, rejeitados pela ordem estabelecida por sua intransigência e obstinada rebeldia (Said 1995: 407).

O romance *Peixe Dourado* evoca claramente as condições de dispersão dos africanos no Ocidente. Cindida em seu passado histórico e em constante fuga, a heroína lecleziana retoma o exercício nômade de seus ancestrais em busca da terra prometida. Questões culturais dessa natureza também alavancaram os estudos do jamaicano Stuart Hall. O autor aponta a existência de uma crise identitária que faz parte de um processo de transformação e que abala a solidez das antigas sociedades, fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, etnia e nacionalidade, uma vez que na pós-modernidade os indivíduos tendem a transitar por diferentes culturas e espaços, gerando, assim, um desconforto em relação à noção de pertencimento cultural, social e individual.

Essencialmente, presume-se que a identidade cultural seja fixada no nascimento, seja parte da natureza, impressa através do parentesco e da linguagem dos genes, seja constitutiva de nosso eu mais interior. É impermeável a algo tão “mundano”, secular e superficial quanto uma mudança temporária de nosso local de residência. A pobreza, o subdesenvolvimento, a falta de oportunidade – os legados do império em toda parte – podem forçar as pessoas a migrar, o que causa o espalhamento – a dispersão. Mas cada disseminação carrega consigo a promessa do retorno redentor (Hall 2003: 28).

A mudança do paradigma sócio histórico que se estabeleceu a partir da colonização do Marrocos, e até mesmo antes, deu início ao processo migratório de grupos sociais originários de ex-colônias e, também, ao deslocamento de europeus para as colônias. Pessimista em relação ao destino dos imigrantes na França, Le Clézio preconiza o retorno à terra natal, “o retorno redentor”, como apontou Hall, como única manifestação legítima de liberdade.

Ainda de acordo com Hall, a existência de uma crise identitária desloca as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e modifica as referências estáveis do mundo social. Assim, essas identidades, que se pode chamar de “modernas”, estão sendo descentradas, deslocadas ou fragmentadas e, conseqüentemente, essas transformações atingem a tradicional convicção de sujeito integrado.

Em seu trabalho, Hall postula três diferentes concepções de identidades que foram construídas ao longo da História. Em primeiro lugar, o autor apresenta o sujeito do Iluminismo. Trata-se do indivíduo historicamente centrado, integrado e dotado de capacidades de razão e consciência, cujo centro correspondente à sua identidade, permanecendo fixo durante toda a sua existência.

O segundo é o sujeito sociológico que, acompanhando o mundo moderno, reflete toda a sua complexidade, portanto incapaz de manter fixo seu centro. Sua formação depende da interação que ele desenvolve com os outros no meio em que vive. Assim, sua identidade não é formada no seu nascimento, como no exemplo anterior, e sim pela interação entre o “eu” e a sociedade.

Por fim, o sujeito pós-moderno, que é a consequência da complexidade do sujeito sociológico. Trata-se de um indivíduo sem identidade fixa, sua composição se torna móvel e diluída pelas contínuas transformações sociais e culturais que nos rodeiam. Não existe, portanto, a ideia de centro fixo ou identidade definida, completa, ela estará sempre em formação.

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar - ao menos temporariamente (Hall 2005: 13).

Nesse sentido, o romance analisado se enquadra num conjunto de obras de ficção contemporânea que coloca em evidência questões como a fragilização das colônias, que são forçadas a reconstruir suas identidades culturais após o processo de descolonização. A relação tensa que existe entre metrópole e ex-colônias, para além da fragmentação identitária, faz aflorar, ainda, questões de caráter universalizante como a incomunicabilidade humana, o desgaste das relações afetivas e familiares e a relação de poder entre os homens.

Quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados,

mais as identidades se tornam desvinculadas – desalojadas – de tempos, lugares, histórias e tradições específicas e parecem “flutuar livremente” (Hall 2005: 75).

Sufocada pelo assédio do mundo moderno, a jovem protagonista africana parece perceber o quanto está desvinculada de suas origens, assim, abandona o centro urbano para empreender a longa e mítica viagem de retorno.

Não preciso ir mais longe. Agora sei que cheguei ao fim de minha viagem. É aqui, em nenhum outro lugar. A rua branca como o sal, as paredes imóveis, o grito do corvo. Foi aqui que me roubaram, há quinze anos, há uma eternidade (Le Clézio 2001: 210).

O turbulento percurso da protagonista Laïla confirma que a obra lecleziana, a partir dos anos 80, envereda sempre pelos caminhos da memória familiar, da identidade e do exílio. Decorre daí, a condição de nossa jovem heroína, errante e sem raízes, que sofre o problema do exílio e padece na confrontação com a cultura ocidental. Herdeira da condição fragmentada do sujeito pós-colonial, a identidade dessa jovem nunca é definitiva, ela se apresenta sempre envolvida em uma problemática familiar e social, que se divide entre a tradição e o enfrentamento com o futuro desconhecido. Parece, então, que a deambulação, a errância, se faz necessária ao indivíduo que busca reencontrar-se com sua identidade. As viagens que empreende consistem na eterna busca de si mesma e de suas raízes. A ausência de lembranças sólidas para construir sua própria história vai contribuir para que a tentativa de construção do “eu” leve-a de volta ao ponto de partida, ao único espaço onde existem traços de sua existência.

Ao retomar o nomadismo histórico de seu povo, ela vivencia duas transições: a primeira é a passagem do mundo infantil – adolescente – ao mundo adulto que, na visão de Le Clézio é uma mutação do ser humano, uma idade incerta, difícil e perigosa. Tudo é questionado, a morte está presente em cadamomentoda existência. A vida não é uma mercadoriacomercial, é um jogo eum momento intenso. Órfã, sem clareza de seu passado ou futuro, a jovem Laïla é obrigada a antecipar sua entrada no mundo adulto e voar com suas próprias asas. Quanto à segunda etapa, pode-se dizer que está ligada à questão social e histórica: a passagem do estado de cidadã marroquina para a situação de mulher estrangeira, imigrante nas grandes cidades francesas.

Considerando-se a história da colonização francesa e o forte fluxo migratório que se instaura a partir da descolonização, o romance aponta para a tensão que existe na ocupação do mesmo espaço pelo colono e pelo colonizado. Essa coexistência, que pode ser reconhecida como formadora de um espaço híbrido, traduz-se na tentativa do autor de reescrever o colonialismo dando voz e rosto ao Outro no contexto pós-colonial. Trata-se de uma estratégia de escrita que se pauta na poeticidade e na singularidade do indivíduo africano estigmatizado pela sociedade que os acolhe e ao mesmo tempo os recusa. Dessa forma, a relação entre Le Clézio e sua obra nos parece clara e evidente: é um escritor que tem algo a dizer, sempre empenhado no

conhecimento do indivíduo, na denúncia dos abusos e na conscientização em relação ao respeito ao Outro, venha ele de que parte vier do mundo.

O embate entre o espaço de origem e o da imigração gera inúmeras implicações sociais e serve como vetor para a ação da narrativa que se desenrola no romance. O espaço urbano é o trampolim para a veiculação de uma ideologia de acordo com a qual impera a descrição de um quadro social de intolerância e de marginalização, promovendo a formação de guetos, como aqueles onde habitam Laïla e seus amigos. Esses espaços se configuram como verdadeiros buracos onde se desenvolve uma vida subterrânea, profunda, úmida e sombria, habitada por “*pessoas do subterrâneo*” que são niveladas a pequenos insetos urbanos. “De dia, ficávamos escondidos debaixo da terra, como baratas. Mas à noite saíamos dos buracos, íamos a toda parte” (Le Clézio 2001: 107).

Na visão de Le Clézio, esse cenário, marcado pela agressividade e pela exclusão, espelha a impossibilidade de harmonia com as suas próprias identidades. Somente a natureza, o deserto, o mar e o campo comportam os atributos capazes de promover a espiritualidade e o reencontro consigo mesmos. A natureza representa a pátria nostálgica que, utopicamente, preconiza o autor. Trata-se, sobretudo, de espaços ideológicos, na medida em que se relacionam com sua concepção de mundo. Le Clézio é o homem do deserto, da natureza, e as cidades serão sempre os gigantes, na esteira do desenvolvimento tecnológico, que devoram seus personagens. Apesar de todos os aspectos negativos que carregam, não se pode negar a importância da passagem pelas cidades, afinal, é nesse palimpsesto, espaço de transição, marcado pelas intervenções cotidianas, e ao mesmo tempo de dominação, que a jovem vivencia experiências que lhe despertam o verdadeiro sentido da vida. A permanência na cidade configura-se como uma espécie de iniciação que a prepara para uma nova etapa de sua vida. A avaliação de Laïla, antes de sua passagem por Paris, constata a importância de sua jornada: “Pela primeira vez, tive vontade de partir, de ir para bem longe. Partir em busca de minha mãe, de minha tribo, da terra dos hilal, atrás das montanhas. Mas eu não estava preparada” (Le Clézio 2001: 65). O resultado do amadurecimento promovido pela incursão em solo estrangeiro culmina no abandono de qualquer empreendimento nas grandes cidades para a busca da felicidade perdida no tempo passado.

Nessa fantasia de busca do paraíso perdido, encontra-se o possível estabelecimento de uma verdadeira identidade que porá fim ao dilema da eterna errância da heroína. E é no processo de busca do mundo ideal que se constrói a tentativa de preservação da memória ancestral, imprimindo uma profunda tonalidade nostálgica à narrativa. O mergulho na memória e na subjetividade das culturas ancestrais traduz-se em uma escrita poética que oferece ao leitor um texto aberto à reflexão. Le Clézio tenta construir a identidade de seus personagens dentro de um tempo e de uma memória histórica; paradoxalmente, é justamente nesse ponto que reside o drama dos desenraizados: a impossibilidade da completude de suas identidades fragmentadas pelos recorrentes processos históricos que marcaram a civilização.

O estudo da obra de Le Clézio nos mostra o quanto seus textos se inserem em uma realidade sociológica em que personagens marginais são testemunhas e vítimas do impacto da modernidade na sociedade contemporânea. O autor se mostra

bastante sensível a todas as formas de exploração que atingem as minorias. É nesse flagrante da realidade que reside o material para sua criação literária. E foi exatamente por esse olhar crítico e humano que ele foi agraciado com o prêmio Nobel da Literatura. A viagem quimérica empreendida pela heroína é, também, a viagem do próprio autor ao mundo da interioridade de suas origens, pois afirma em entrevista que seus livros, com frequência, misturam elementos de sua biografia. A errância de um país a outro, tanto de Le Clézio quanto de seus personagens, extrapola a ficção para se tornar a essência da realidade do ser humano, afinal a busca da harmonia do mundo interior e do espaço ideal é o sonho de todos os homens.

SOLITUDE AND WANDERING IN THE NOVEL *POISSON D'OR*, BY JEAN MARIE GUSTAVE LE CLÉZIO

Abstract: In the work of the French writer Jean Marie Gustave Le Clézio, the theme of wandering and marginalization is inscribed invariably in the debate about the complexity of the identities fragmented by the process of decolonization. From his extensive and varied list of publications, this paper aims at analyzing the novel *Peixe dourado*, from the violent familiar disjunction and the wandering undertaken by the protagonist in search of her origin sand, consequently, of her true identity.

Keywords: J. M. G. Le Clézio; immigration; wandering; identity.

REFERÊNCIAS

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 10 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

_____. A questão multicultural. In: _____. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Tradução: Adelaine La Guardia Resende et al. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

LE CLÉZIO. Jean Marie Gustave. *Peixe Dourado*. Tradução: Maria Helena Rodrigues de Souza. São Paulo: Companhia Das Letras, 2001.

RIDON, Jean-Xavier. Ecrire les marginalités. In: *Magazine Littéraire*. Paris, no. 362, p.39-43, fév./1998.

SAID, Edward. *Cultura e imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

ARTIGO RECEBIDO EM 31/08/2012 E APROVADO EM 01/10/2012.